

Editorial

DOI: 10.70048/percurso.74.7-8

Departamento de Psicanálise, 40 anos – Parte 1

7

Este número de *Percurso*, o primeiro dedicado aos 40 anos do Departamento de Psicanálise, coloca em circulação algumas das vozes e perspectivas presentes entre nós e se configura como uma amostra significativa de nossa multiplicidade.

Salvo pela tradução, este é um número composto por artigos e depoimentos de colegas que integram o Departamento, os quais foram convidados a trabalhar temas que considerassem relevantes hoje ou que apresentaram textos para publicação.

O que nessa diversidade de vozes dá seguimento a algo sempre presente e que já estava em germe na fundação do Departamento? Em que aspectos as novas questões e perspectivas teóricas implicam a abertura de novos caminhos e mudanças profundas?

Proposições sobre os alicerces do projeto de transmissão da psicanálise dão a direção ao artigo “O Departamento de Psicanálise e a formação psicanalítica”, no qual é enfatizada a convicção de que o rigor epistemológico a respeito do que é o analítico e do que é o objeto da psicanálise deve impregnar a constituição de uma associação formadora de psicanalistas.

Simultaneamente, a defesa imperativa de uma psicanálise antirracista e decolonial está presente, e exige que a investigação teórico-clínica psicanalítica inclua até nossas expressões mais corriqueiras. Frases comuns do cotidiano e músicas que compõem nosso repertório, tal como nos apresenta o artigo “A moldura do Brasil: Aquarela Brasileira ou o Samba do Crioulo Doido?”, dão o mote

para que nos encontremos com o que dizemos e agimos, para além de nossas intenções e percepções, efeito das malhas tecidas em filigranas no inconsciente da cultura inscrita em cada um de nós, na qual racismo, preconceito e exclusão deixaram sua marca. Dois dos depoimentos trabalham de forma contundente questões sobre o tema e nos mostram sua presença na formação dos analistas em nosso Departamento e entre todos nós, hoje.

Também as questões de gênero têm trazido novos interrogantes para a psicanálise. O artigo “O *balífulo* e o *bajubá* – corpo e letra a partir de Joyce e Amara Moira” aprofunda ousadamente a polêmica em torno do combate à hegemonia do patriarcado em nossa língua e dialoga com o depoimento no qual o grupo de trabalho Gêneridades apresenta seu percurso, posicionamento ético e os interrogantes que o mobilizam.

Não menos impactante são as questões suscitadas pela vertiginosa incidência da inteligência artificial em nossas vidas. Abordar o impacto e os efeitos da I.A. entre nós e, ainda mais, suas perspectivas terapêuticas, é a proposta do inquietante artigo “Das toaletes de Tóquio ao ChatGPT”.

Dando-nos algum respiro, ou a ilusão de pisarmos em solo mais firme e conhecido, alguns artigos trabalham temáticas eternas para a psicanálise, cuja importância é evidente. Em “Escritos de luto: sobre a morte do analista”, encontramos um trabalho intimista e inusitado sobre os lutos infinitos, abertos, pensados a partir do perspectivismo ameríndio. Luto e ressentimento são tematizados com delicadeza, originalidade e profundidade também em “Ressentimento: quando

o futuro aponta para o passado e não é possível perdoar”. A busca de fundamentos metapsicológicos segue predominando em artigos que abordam possibilidades de manejo clínico diante dos desafios contemporâneos, colocando em foco a escuta do corpo na clínica, ampliando as perspectivas sobre as inscrições da cultura no corpo, ou ainda aprofundando a articulação entre pulsão e relações de objeto. Autores como Bollas, Ferenczi e Winnicott ganham destaque e contamos com a tradução de um texto de Alberto Konicheckis, ainda pouco conhecido por muitos de nós.

Jurandir Freire Costa é o entrevistado desta edição – foi também das duas primeiras da revista! Pensamento cuja presença e impacto são notáveis em nosso Departamento, sua fala repercute os 40 anos de nossa história e desdobra questões prementes.

Também em sintonia com os textos deste número, a seção *Debate* interroga os rumos atuais da psicanálise, tendo como disparador “A psicanálise no divã: formação, (de)formação, transformação”. Já *Leituras* percorre as trilhas que ora convergem e ora bifurcam da identidade e do desejo; da comunidade e da individualidade; das generalidades e particularidades da história da psicanálise e da filosofia da psicanálise.

“Inter urina et faeces nascimur” traz para nossa reflexão a condução clínica com uma paciente idosa, desvitalizada, padecendo de uma séria complicação cirúrgica na época da COVID-19.

Perturbações e investigações que nos desestabilizam e instigam, convocam ao trabalho teórico-clínico e ao imprescindível compartilhamento e troca entre pares.

Boa leitura!